

Heloísa Helvécia | Túlio Grespan

# olhar itinerante

O título pode sugerir uma obra de caráter contemplativo, com preocupação puramente estética. Engano: este olhar não é neutro. Embora não queira ser libelo, preserva a emoção e o sentido crítico da boa reportagem. A brilhante jornalista Heloísa Helvécia – que, aliás, no início de sua carreira, lá pelos idos de 82/83, trabalhou na “Revista BR”, da NTC – e seu companheiro (de vida e de viagem), o talentoso fotógrafo Túlio Grespan, cruzaram o Brasil, durante vinte dias, na boléia de um caminhão, com a missão de traduzir em palavras e imagens a essência do que encontrassem pela frente.

Cumpriram a missão com maestria, resultando neste registro fidedigno, sem retoques, da vida que, apesar de tudo, viceja ao redor dos ásperos caminhos a que – às vezes com certo exagero – chamamos rodovias. E, como bônus, deixaram ainda o relato pungente do que se passa na cabeça dos profissionais da estrada: seus temores e valores, suas manias, suas crenças e esperanças, suas frustrações.

Incorporam-se à narrativa, inevitavelmente, mazelas conhecidíssimas do nosso cotidiano, tais como: os buracos na pista; a corrupção policial; os motoristas insones, movidos a anfetaminas; o medo dos acidentes que encurtam viagens e vidas; o pânico provocado pelos ladrões de carga; a prostituição que campeia nos acostamentos; a burocracia dos postos fiscais na divisa dos estados. Mas isso tudo é só pano de fundo; não é objeto do trabalho. Até porque, para denunciar e combater problemas desse tipo há outros instrumentos, que temos usado.

O objetivo central, aqui, insista-se, era mesmo o de produzir uma crônica estradeira que, além de tudo, pudesse retomar e atualizar, com foco jornalístico, o tema do premiado ensaio de Marcos Vinícios Vilaça, “Em torno da sociologia do caminhão”, de 1961. Como se sabe, este pernambucano ilustre, atual presidente da Academia Brasileira de Letras, também é ministro do Tribunal de Contas da União, decano daquela Corte, onde tem sido um incansável defensor da correta aplicação dos recursos da CIDE. Por tudo isso, quisemos homenageá-lo com o convite para prefaciar esta obra, que se tornou maior com a participação dele.

Por fim, é preciso dizer que, para além do seu valor artístico, este livro tem uma importância simbólica para todos nós da NTC&Logística, por representar a nossa estréia no mundo dos projetos culturais incentivados. Com ele, demos o primeiro passo, aprendemos o caminho e estabelecemos o padrão de qualidade para os novos projetos que, com certeza, se seguirão a este.



olhar  
itinerante



*Heloísa Helvécia | Túlio Grespan*

# olhar itinerante

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada por Denise Maria Gomes Rocha – CRB-14/872

Helvécia, Heloísa.

Olhar itinerante / Heloísa Helvécia ; [fotografias de] Túlio Grespan.  
– São Paulo : Mandarim, 2006.  
96 p. : il., fots. (color).

ISBN 85-99245-04-X

1. Brasil – Descrições e viagens. 2. Motoristas de caminhão.  
I. Grespan, Túlio. II. Título.

CDD 918.1

## Realização

### **NTC&Logística**

Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística

Rua da Gávea, 1390 - São Paulo - SP

tel. (55 11) 6632-1500 - [www.ntcelogistica.org.br](http://www.ntcelogistica.org.br)

### **Diretoria (2005/2007)**

Presidente: Geraldo Aguiar de Brito Vianna

Vice-Presidente: José Hélio Fernandes

Vice-Presidente de Transporte: Francisco Pelucio

Vice-Presidente de Logística: Carlos Alberto Mira

Diretor Financeiro (e Condomínio): Romildo Menegon

Diretor Responsabilidade Social: Valter Célio Boscatto

Diretor Tarifas e Comercialização: Jacinto Souza dos Santos Jr.

Diretor Relações do Trabalho: Eduardo Ferreira Rebuszi

### **Vice-Presidentes Extraordinários**

Segurança Patrimonial: Roberto Mira

Gestão da Qualidade: Talito Endler

Região Nordeste: Antonio Pereira de Siqueira

Região Sul: Valmor Weiss

Relações Internacionais: Carlos Eduardo Gurgulino de Souza

Conselho fiscal (2005/2007): Astrogildo Joaquim Pinto; Jair Nardo

Ladair Pedro Michelin; Antonio Luiz da Silva; Antonio Cupello

## Equipe técnica

Supervisão:

Dimas Barbosa Araujo

Concepção e coordenação:

Katia Rocha

Fotografia:

Túlio Grespan

Reportagem e texto:

Heloísa Helvécia

Projeto gráfico e

edição de arte: Hiro Okita

Tratamento de imagens:

Américo Freiria

Revisão:

Maryland Moraes

Texto em Inglês:

Luiz Gonzaga Neto

Impressão: Pancrom

Edição:



R. Marquês de Itu, 503 - Cj 22

01223-001 - São Paulo - SP

tel. (55 11) 3337-5633

[www.mandarim.com.br](http://www.mandarim.com.br)

# *agradecimentos*

Antonio Pereira Gomes (e família)  
Associação dos Caminhoneiros de Tabuleiro do Norte  
Associação dos Motoristas São-Marquenses  
Aurineide Gondim Freire  
Claudinei Wesley de Souza Bastos  
Danae Stephan  
Daniel Andrade  
Edigard Piovezan  
Edmilson Nemereque  
Élcio Ricardo Kaspczak  
Emerson Noronha  
Enilton Oliveira Silva  
Francisco Bezerra da Mota  
Francisco das Chagas Xavier  
Gilson Rodrigo de Souza  
Heron Martins Silva  
Igor Gatto  
Irani Bertolini  
Íris Barbosa da Rocha  
Ivanir Domingos Chieza  
Jacinto Júnior  
Jean Carlos

Jesualdo Figueiredo Moura  
João Caldas  
José Marques  
Lilian Lorosa  
Luiz Antonio B. Trindade  
Márcia Colombo  
Marcos Vilela Paulino  
Maria Erismar Gadelha Chaves  
Maria Pereira  
Mario Cesar Ferreira  
Neusa Chaves Maia  
Nirlan Nascimento Brito  
Raimundo Baptista  
Raimundo Oziel Pinto  
Renato Paolillo  
Roberto Ducatti  
Rodrigo Vilaça  
Rogério da Silva Machado  
Rosimery de Almeida  
Silvio Patente  
Tibério Ramos  
Umbelina Andrade



Gostaríamos aqui de agradecer às pessoas e empresas que contribuíram para a realização do **projeto Olhar Itinerante**. Em especial, lembramos a **Bandag do Brasil**, nossa patrocinadora, grande entusiasta das ações nas áreas da Cultura e Responsabilidade Social. Além de reconhecer a importância do profissional caminhoneiro e do setor de transporte de cargas como um todo, a Bandag mostra, mais uma vez, seu compromisso com a sociedade brasileira. Agradecemos também o apoio da **Ramos Transportes**, que gentilmente acolheu os repórteres em seus caminhões, da **Trade Express Vale Seguros** e da **Transportes Bertolini**, que nos ofereceu apoio logístico em Manaus e Belém.

**NTC&Logística**

# prefácio

*Quando escrevi, já faz tanto tempo, o meu livro Em torno da sociologia do caminhão, tinha exata noção de que haveria de ainda ler muito sobre o tema pelo qual tanto me apaixonei.*

*Há um provérbio hindu que recomenda somente falar quando isto vier a ser melhor que o silêncio.*

*Depois da provocação da leitura deste livro, resolvi quebrar o silêncio recomendável e tentar dar aqui um depoimento, mais do que escrever um prefácio.*

*O leitor irá encontrar os calos do trabalho de quem o compôs com palavras e imagens. É livro vivido, sofrido, comparado. Por isso, merecedor da mais categórica recomendação. O livro é ricamente ilustrado. É bom de ver.*

*Quem viveu ou tem notícia do esforço caminhoneiro pelo crescimento econômico e também pelo desenvolvimento social do País encontra aqui comprovações de grande interesse.*

*O dionisiaco caminhão brasileiro, que já foi elemento civilizador, assume agora papel diferente, mas sem perder esse tipo de identidade, pois falar de Brasil é falar de Brasis.*

*Dá gosto confrontar e sentir tanta mudança, ao longo desses anos em que o transporte rodoviário de cargas – o de passageiros, também – seguiu a inexorabilidade do tempo. Mudou. Mais do que mudou, transformou-se.*

*Não irei detalhar o que distingue o velho livro deste novo livro, que isto seria inadequado, mas insisto em dizer que é feliz o documento vivo que o leitor encontrará.*



*Livro deste tipo apenas ganha autoridade expositiva se amparado em experiência sem retinas intermediárias.*

*Fotografar ou dissertar sobre o caminhão e o seu motorista exige que se veja, que se ouça, que se viaje, que os autores se exponham a uma espécie de corpo-a-corpo, que até estabeleçam uma relação algo orgânica com os dois e tenham um olhar itinerante.*

*Sinto que foi assim.*

*Estou animado a sugerir ao leitor que o leia com os olhos da curiosidade, atento até ao que encontrar nas entrelinhas, pois os autores gostam desse tipo de “provocação”, como denunciam trechos instigantes desse trabalho.*

*Uma palavra de louvor ponho aqui pela decisão de apoiar a publicação desse ensaio, que se incorpora definitivamente à sociologia brasileira do transporte.*

*Praia de Boa Viagem, no Recife, março de 2006*

*Marcos Vinícios Vilaça*

*Presidente da Academia Brasileira de Letras*

Realização



Patrocínio



Incentivo

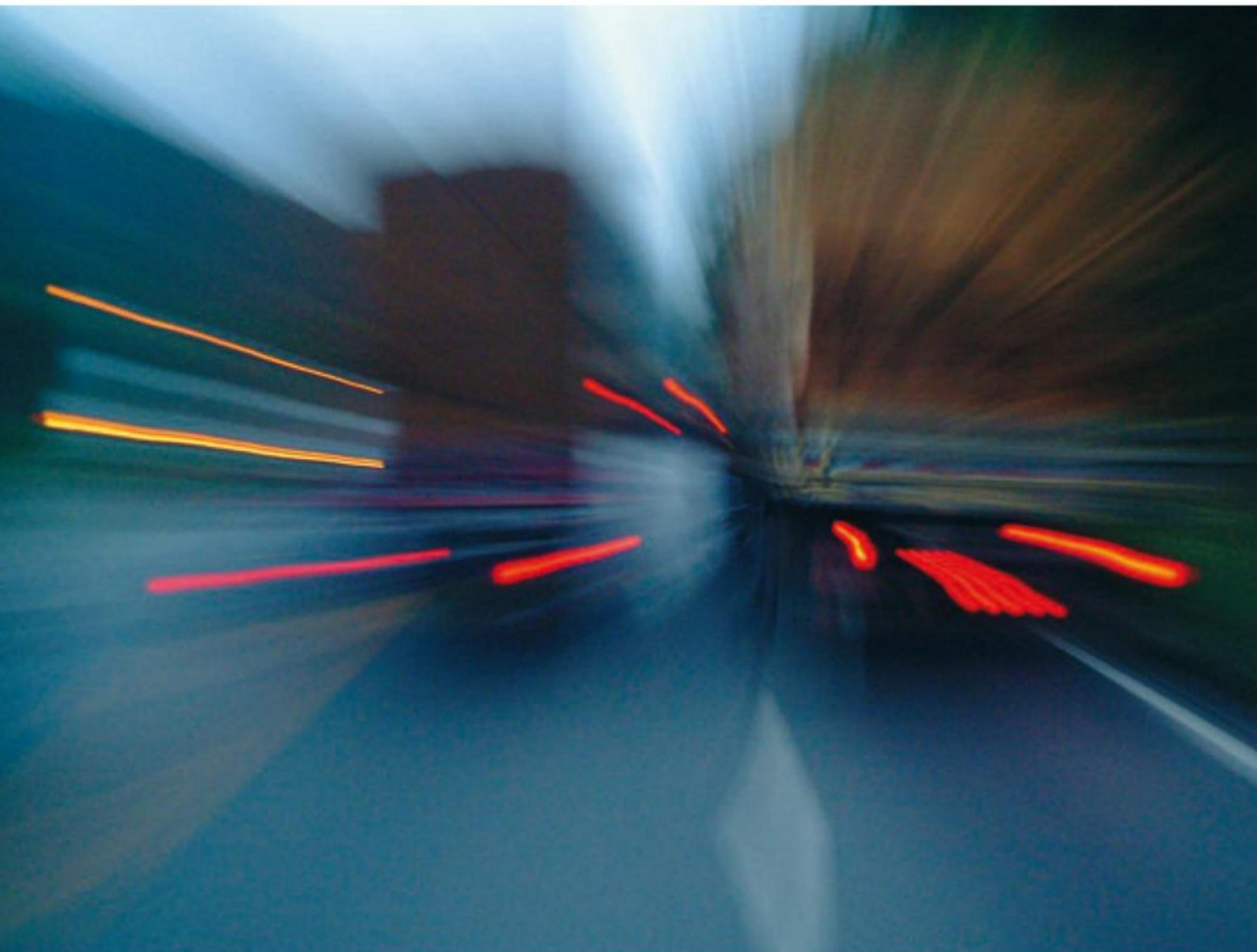


Apoio



Apresentação	13
<b>Gincana sem fim</b>	<b>14</b>
Pós-graduado em poeira	16
Caçador de palavras	20
Testemunha ocular	22
Amigos da hora	27
Homens que nunca dormem	30
O homem e a lenda	34
Profissão: tapa-buraco	38
Mulheres do Caxuxa	40
Prova dos nove	44
<b>Dirigir é arte</b>	<b>57</b>
A imagem do artista	58
Tombar faz parte	66
Da mulher que andou na linha	76
Conflitos da carne	84
Roteiro de viagem	90
Índice de imagens	91
Itinerant Sight (apresentação em inglês)	95





# apresentação

*Olhar Itinerante é um projeto cultural realizado pela NTC&Logística - Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística, para registrar o dia-a-dia do profissional brasileiro de transporte de carga e sua visão do país a partir do pára-brisa.*

*Ao longo de 20 dias, dois jornalistas acompanharam uma viagem de Porto Alegre a Belém e Manaus, a bordo de um caminhão, resvalando em dezenas de cidades e pequenos lugarejos, no interior do Brasil. A rota de mais de 6 mil quilômetros mostrou problemas conhecidos, como o mau estado das estradas, congestionamentos, filas nas balanças, drogas e prostituição. Revelou também muita solidariedade e companheirismo, belas paisagens, gente pobre, boa, alegre e interessante.*

*Este livro é o principal resultado da expedição Olhar Itinerante. Nas páginas seguintes, fotos e textos oferecem um testemunho de que a vida na estrada não tem nada do romantismo apregoado por certa série de tevê, anos atrás. Caminhoneiro é motorista profissional: tem hora para chegar ao destino, planeja seu dia, cuida do equipamento e, mesmo assim, com tantos cuidados, pode falhar e derrapar na pista. A cultura da estrada, porém, sobrevive em frases de pára-choques, na culinária e no jeito de falar, transposto quase na íntegra para o texto.*

*O projeto cultural Olhar Itinerante contempla, ainda, uma exposição fotográfica que viajará por todo o Brasil, em centros de exposição e locais acessíveis ao público, inclusive de caminhoneiros. Boa leitura, boa viagem.*



gincana

*sem fim*



## Pós-graduado em poeira

Francisco não é homem de estudo, mas é homem de geografia. Tem de cor e salteado os relevos, as plantas, os climas e as culturas, região por região. Sabe na ponta da língua nomes e direções de rios, vales, morros, cidades. Quando não sabe, pesquisa, mas não é de pesquisar de longe. As intimidades da terra nem sempre estão em mapa, nem em livro, nem na internet. Como um lugar que ainda há de visitar, só pelo fato de se chamar “Desalegre”. Leu a placa uma vez, ficou curioso. Fins-de-mundos desalegres, viu muitos, mas nunca um assim, rogado de praga desde o batismo.

Berço é destino. A mãe queria ao menos o caçula formado, acabou que é o terceiro carreteiro da família. Ainda bem. De outra forma, não teria a sabedoria que o habilita a aceitar sem piscar mais uma aventura começando no Sul e acabando no Norte.



*Fins-de-mundos  
desalegres, viu muitos,  
mas nunca um assim,  
rogado de praga  
desde o batismo.*



O trajeto não chega a ser “do Oiapoque ao Chuí”, mas é uma gincana. Dezenas de pedágios, rodovias estragadas, balanças traiçoeiras, mais de 300 notas fiscais para todas aquelas toneladas de carga fracionada, mercadoria espalhada para cada Estado e cada um com sua exigência, seu carimbo, seus controles descontrolados, seu funcionário que falta e sua falta de eficiência. Mais outro tanto de botinas<sup>1</sup> pela frente, o dinheiro contado e separado para eles, dobrado no meio do documento, despesa tão certa quanto a dos tanques de óleo. “Tem muita transportadora que até manda dar para não atrasar, mesmo estando tudo nos conformes. Paciência.”

1. Policiais rodoviários.





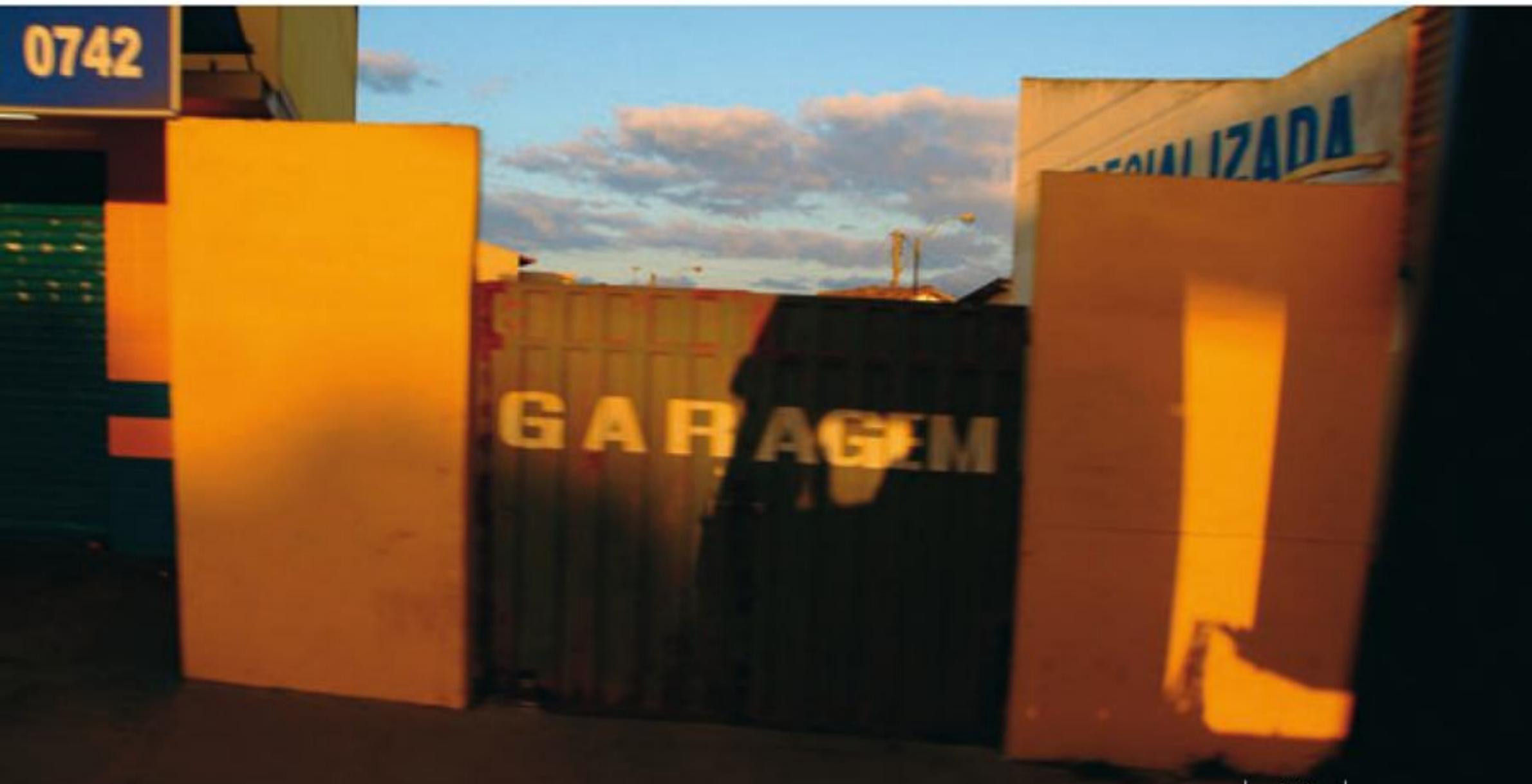




## Caçador de palavras

A boléia, seu escritório, está preparada para a longa tirada, Porto Alegre–Belém. O painel do volante é mesa de trabalho com vista para o mar, para a caatinga e para o brilho das metrópoles. No console entre os dois bancos, ficam: um pano-para-tudo; uma pasta de dentes; o xarope de ervas que a vizinha preparou e a mulher embalou em garrafa de refrigerante, para tratar a tosse que até piorou depois que Francisco parou de fumar; a colher, que tem mil e uma utilidades; o punhal, guardado na bainha de couro, que descasca a fruta, parte o queijo e dá a sensação de segurança, junto com o sistema de rastreamento e o carro da escolta armada — esse, entretanto, lhe acompanha só até a saída da área urbana, passados os pontos mais conhecidos de risco.

Homem de letras, tem também ao alcance do braço direito uns exemplares de caça-palavras. Paciência, mais uma vez. Viagem é contradição: uma corrida contra o relógio e a folhinha, feita de muitos períodos de espera.





## Testemunha ocular

Com todos os contratemplos, o vento sempre favoreceu sua vida itinerante. Rodando por aí, Francisco foi se informando com os próprios olhos, e não com a visão dos outros, do projeto que deu certo, do que funciona e do que faz de conta, do que é mesmo assim ou não precisava ser. Não conhece escola melhor que a estrada, para aprender a identificar uma obra eleitoreira, uma lei de mentira, um movimento de mudança verdadeira, um humor novo da economia.

Da cabine do caminhão, assistiu a febre da soja ir transformando a paisagem ou o programa de irrigação mudar a cara de Petrolina — um orgulho, essa turma puxando fruta direto do sertão para ser exportada, e o desenvolvimento espirrando um pouco também para Ourucuri, Bodocó, Exu, Juazeiro, seu trecho mais querido de Nordeste.

Em Governador Valadares, acompanhou os prodígios do dinheiro novo, dólares dos brazucas erguendo prédios, reformando vidas, hábitos, até as gírias.

Se contassem não acreditaria, mas viu o cybercafé chegar na Buruticupu<sup>2</sup> de ruas sem asfalto, para deslumbre de meninos sem sapato. Distribuição de riqueza virtual, no cenário sépia de fa-roeste maranhense.

Da tela do pára-brisa, seu cinema, teve o privilégio de testemunhar o nascimento de vilas, primeiro uma bomba de óleo, depois uma venda do lado, e uma e mais outra construção. Modéstia à parte: onde chega um caminhão, o progresso corre atrás.

2. Município a 420 quilômetros de São Luís, localizado na chamada Amazônia Maranhense.



*Se contassem não acreditaria, mas viu o cybercafé chegar na Buruticupu de ruas sem asfalto, para deslumbre de meninos sem sapato. Distribuição de riqueza virtual, no cenário sêpia de faroeste maranhense.*









## Amigos da hora

Logo no começo da jornada, seu país profundo emerge da BR. Em Torres, litoral gaúcho, o rancho indígena grudado ao asfalto abriga agora 12 famílias guaranis, população que Francisco viu minuar, em dez anos de ocupação daquela margem.

Já no Paraná, a parada tradicional junto à represa do Capivari rende um corte de cabelo e a troca de idéias com novos amigos. Provavelmente nunca mais verá Marcos e Márcia, o casal de Volta Redonda que leva bobina para São Paulo. Estacionam ali no superposto para cozinhar o almoço, preparado na “borracharia”, apelido da cozinha, compartimento que fica do lado direito da carreta, entre os eixos, com alimentos e utensílios. Marcos, 30 anos, dez de volante, também é de família caminhoneira. Outro ano perdeu um irmão em assalto na estrada. “Por causa da bandidagem não tem mais união da classe, os colegas perderam a confiança um com o outro, cada um com mais pressa de chegar na frente e pegar carga melhor”, lamenta-se, e Francisco concorda. Mas já apruma seu bruto para enfrentar o primeiro obstáculo da gincana, que é o congestionamento na Serra do 90, entre São Paulo e Curitiba, por causa da obra de duplicação.

Depois, o fumacê no meio da pista anuncia o trecho de canaviais paulistas e o crime corriqueiro das queimadas, aumentando a poluição do ar, risco de doenças para todos, e de acidente, para motoristas.







## Homens que nunca dormem

Francisco entra no Rio de Janeiro pisando forte: quer manter a tradição e repousar na cidade de Muriaé, no Posto Arrastão, por causa do orelhão não muito disputado, do café da manhã bom e barato ali ao lado, no hotel que também é Arrastão, e principalmente para cumprir sua meta, nunca menos de 700 quilômetros por dia — ele tem tudo programado. Na paradinha rápida em Barra Mansa, um moleque o aborda:

— Tio, quer comprar CD?

Mas o que ele tem no bolso da bermuda não é CD, é rebite, a química explosiva que turbina motoristas noite adentro.

“Só caio na cama quando chego em casa e, assim mesmo, se tiver coisa interessante em cima dela”, se gabava o Maciel, um colega de Francisco que teria ficado rico graças ao rebite e às jornadas de 36 horas sem parada. Maciel não parava por nada, urinava em garrafa dentro mesmo da cabine. No máximo, cochilava um pouquinho com os pés apoiados no raio da direção “para não ficar no conforto e embalar”. E ainda caçoava do Francisco. Que não sabe que fim levou Maciel, nunca mais viu.



*- Tio, quer comprar CD?*





As cartelas de comprimidos para emagrecer, algumas de procedência paraguaia, circulam em tudo quanto é lugar onde caminhoneiro circula: postos, restaurantes, agências de carga, transportadoras. Tem empresa que até fornece a droga para o motorista, junto com o vale-frete. O menino de Barra Mansa pede oito reais por quatro drágeas de “obesomed”, mas Francisco, apesar de caminhoneiro, tem o costume de dormir à noite e dirigir de dia.

Só que o seu dia começa sempre às quatro e meia da manhã. Assim a jornada rende, e ele já está agora em Minas, nordeste do Estado. É dia de feira em Padre Paraíso, a primeira cidade do Vale do Jequitinhonha. Coisa mais alegre de se ver, a ladeira repleta de barracas que chegam a invadir a BR-116, a toada típica jorrando do alto-falante, uma fartura de pequi, de pimentas de todos os cheiros, de biscoitos de polvilho fritos, de requeijão caseiro e de gente vestida como pode, mas da maneira mais colorida.

*Coisa mais alegre de se ver,  
a ladeira repleta de barracas que  
chegam a invadir a BR-116, a toada  
típica jorrando do alto-falante, uma  
fartura de pequi, de pimentas de todos  
os cheiros, de biscoitos de polvilho  
fritos, de requeijão caseiro e de  
gente vestida como pode, mas da  
maneira mais colorida.*





## O homem e a lenda

O caminhão avança mais pelo Jequitinhonha, o pior Índice de Desenvolvimento Humano do país, que fica ali do ladinho mesmo das minas de pedras preciosas de Teófilo Otoni (os locais pronunciam “Teófiotôn”). É quando Francisco, homem de geografia e de letras, mostra que também é homem de história: história do Brasil, do mundo e do outro mundo.

Como os moradores das casinhas de barro espalhadas pelo vale, ele crê na existência do Bicho Pedra Azul, espécie de versão regional do lobisomem. Ele mesmo nunca viu, mas conhece motorista que jura ter presenciado a aparição, ao passar à noite pelos lados da cidade de Pedra Azul. Na estrada, o medo de se saber só um homem assume muitas formas, neste caso assume forma de cachorro, monstro peludo ou andarilho. Segundo a história, é a alma de um filho de fazendeiro, que um dia foi repreendido pela mãe por maltratar seu cavalo. Irado, o moço agrediu a pobre com o relho e ainda colocou a sela nela e montou. “Imagine, fazer a própria mãe de montaria!” Amaldiçoado, ao morrer virou o Bicho que, reza a lenda, come animais de criação e causa acidentes nas estradas.

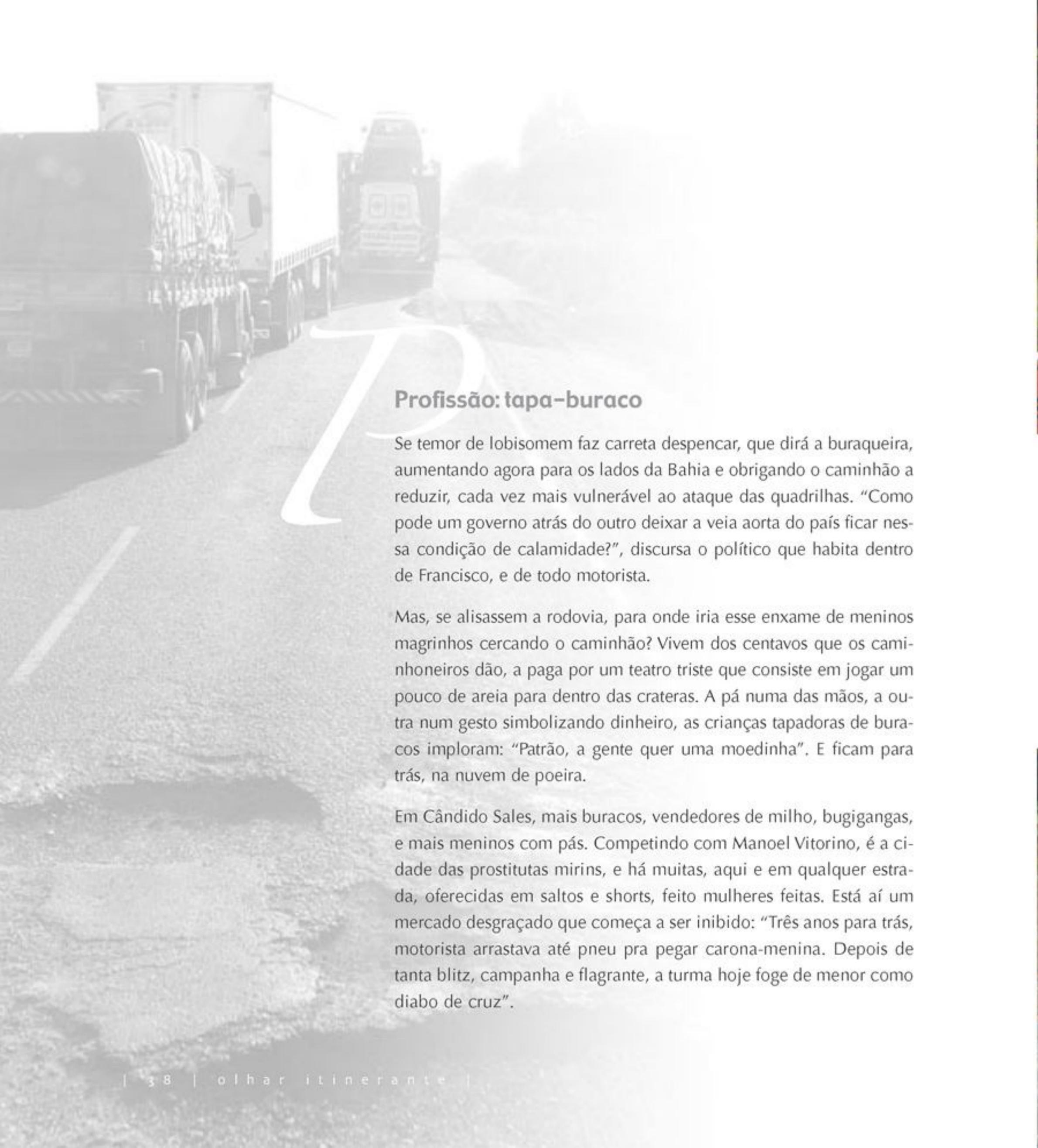


*O caminhão avança mais pelo Jequitinbonha, o pior Índice de Desenvolvimento Humano do país, que fica ali do lado mesmo das minas de pedras preciosas de Teófilo Otoni (os locais pronunciam "Teófiotôn").*









## Profissão: tapa-buraco

Se temor de lobisomem faz carreta despencar, que dirá a buraqueira, aumentando agora para os lados da Bahia e obrigando o caminhão a reduzir, cada vez mais vulnerável ao ataque das quadrilhas. “Como pode um governo atrás do outro deixar a veia aorta do país ficar nessa condição de calamidade?”, discursa o político que habita dentro de Francisco, e de todo motorista.

Mas, se alisassem a rodovia, para onde iria esse enxame de meninos magrinhos cercando o caminhão? Vivem dos centavos que os caminhoneiros dão, a paga por um teatro triste que consiste em jogar um pouco de areia para dentro das crateras. A pá numa das mãos, a outra num gesto simbolizando dinheiro, as crianças tapadoras de buracos imploram: “Patrão, a gente quer uma moedinha”. E ficam para trás, na nuvem de poeira.

Em Cândido Sales, mais buracos, vendedores de milho, bugigangas, e mais meninos com pás. Competindo com Manoel Vitorino, é a cidade das prostitutas mirins, e há muitas, aqui e em qualquer estrada, oferecidas em saltos e shorts, feito mulheres feitas. Está aí um mercado desgraçado que começa a ser inibido: “Três anos para trás, motorista arrastava até pneu pra pegar carona-menina. Depois de tanta blitz, campanha e flagrante, a turma hoje foge de menor como diabo de cruz”.



## Mulheres do Caxuxa

Pode ser, se bem que aqui onde Francisco almoça agora, neste ponto obrigatório de parada no Maranhão, nenhuma rapariga tem idade definida. Quem trabalha no Caxuxa não carrega identidade e, se carrega, não mostra, porque fez aniversário demais ou porque fez aniversário de menos.

De um lado e de outro da BR-116, os restaurantes são só a fachada do “brega”. Nada a ver com estilo. No jargão da rodovia, a palavra designa simplesmente zona de prostituição.

Cada uma das casas térreas serve galinha ensopada, “pirão de parida” feito no caldo de franguinho novo, fígado, arroz e uma delícia chamada fava, que faz as vezes do feijão. Mas o que mais tem é um trança-trança de meninas à escolha do freguês, atendimento exclusivo a caminhoneiros, a qualquer hora do dia.

Encostada à mesa onde Francisco almoça, uma garota faz o pedicure da outra, e Marinelva, que se apressa em esclarecer que é vendedora, oferece blusas, perfumes, roupinhas de bebê. Mostra sua mercadoria para um grupo de mulheres.

Para Yone, por exemplo. A famosa “Yone da BR” até tatuou um caminhão 1620 sabe lá aonde. Os brutos são sua tara, sua paixão. Conhece marcas e modelos, pede miniaturas de presente, adesivos, boné. E cumpre um ritual obsessivo de colecionadora: fotografa o veículo de cada homem com quem dorme. Só a máquina entra no seu foco, nunca o motorista. O álbum, com mais de 250 fotos, é seu orgulho, junto com





a sua prole. Sete filhos, todos de carreteiros de várias partes do país: um é filho de paranaense, um de sergipano, um de pernambucano, dois de mineiro, um de paulista. E outro ela não lembra de onde era o pai, e tem mais um dentro da barriga, é a vida.

Yone usa óculos de lentes grossas, olhos miúdos de miopia. Os moleques da área zoam ela: “Quatro olho! Demônia!” Diz ter 30, parece 60, não fosse o estado adiantado de gestação. Há oito anos no Caxuxa, chegou por acaso, de carona, nunca mais voltou para casa. Manda cartas, dinheiro e fotos para a mãe.

“Só ando de caminhão, assim conheci todo o Sul e o Centro-Oeste. Aqui não é só sexo, não: cuido, dou amizade e dou chá de boldo, quando adoecem de comida mal-cozida por aí. Caminhoneiro é quase tudo gente boa.”



Quando não é, descarta menina prenhe. Ocorreu com Simone, natural de Bacabal, declarados 21 anos, jeito de 15 e (Francisco calcula por baixo) uns 80 quilos. “Antes eu era a Pequena Sereia, agora virei a Pequena Baleia”, ela faz graça com a gordura.

Simone vazou do Caxuxa na boléia de um goiano, enlouquecido por ela. No começo foi bom, viajaram três meses, a Pequena Sereia só comendo e bebendo à larga, provando tudo que era novidade. Quando começou a engordar e contou que estava grávida, foi largada em Manaus sem aviso prévio. Voltou do banheiro, cadê o caminhão? Achou cem reais de culpa, enfiados sorratamente na sua bolsinha. Não conhecia nada nem ninguém. Só de raiva, gastou uma nota num passeio de barco, a outra trocou no armazém flutuante, comprou muita pinga, bolacha e xampu. Até que, sem um tostão, de carona em carona, numa inacreditável saga intermodal, voltou ao ponto de partida, para dar à luz no seu Maranhão.

A conversa e a comida estão muito boas, mas um estrondo sacode o torpor daqueles quarenta graus. Gritaria no brega, motoristas despertam da sesta feita nas cabines e em redes, à sombra das mangueiras. Um caminhão mal parado desliza sozinho pelo acostamento e só pára depois de pegar em cheio a frente de um outro estacionado. O barulho só não sobressalta o grupo dos drogados, porque eles já vivem sobressaltados, homens que nunca dormem, olhos vermelhos estalados, dois ovos fritos, a saliva branca é uma espuma espessa nos cantos da boca, sinal certo de excesso de anfetamina. Meninos correm gritando para dentro das casas, tentando localizar o responsável pela batida. Francisco avalia os estragos, pena estar na sua hora, não pode esperar o encontro dos donos dos brutos envolvidos: “Ou foi rebite demais, ou foi praga de rapariga”.





## Prova dos nove

Quase no final do seu caminho, o herói se arma de paciência para encarar um dos últimos obstáculos: atravessar do Maranhão para o Pará, passando pelo posto fiscal do Itinga, que controla a entrada e saída de mercadorias naquele Estado. Já tem mais de 50 carretas paradas ali e ali o caminhão dirigido por Francisco fica por cinco horas.

Tempo suficiente para almoçar no “Restaurante do Sarney”, dormir, acordar e — já que não gosta de bilhar — fazer páginas e mais páginas de caça-palavras. Também dá para tirar a prova dos nove dos números das placas dos caminhões estacionados, mania que pegou na monotonia das retas, falaram que é demência, mas distrai.





Pronto. Agora que a inspetoria já desembarçou a documentação, faltam só 500 quilômetros até Belém, o destino final de onde vai despachar a carreta na balsa, para Manaus, depois de esperar outro tanto, é claro, de confraternizar com os motoristas que trabalham manobrando carretas para dentro e para fora do porto com seus cavalinhos<sup>3</sup> e, se deus quiser, de passear um pouco e comprar um presente para o neto, outro para a mulher.

3. Como os motoristas chamam os cavalos-mecânicos (sem as carretas).







Depois do posto fiscal, Francisco só pára no cemitério improvisado da BR-10, antes do rio Piriá, e acende velas para vítimas de um choque ocorrido nos anos 70, entre ônibus e carreta. As almas já fizeram muitas graças, “tiraram com as mãos” esse homem e o seu veículo de muita situação de tragédia iminente, mas, deixa para lá, ele não quer se emocionar.

Só se emociona quando vê, nas barbas da BR, não a exploração da mão-de-obra infantil, porque fica oculta nas plantações, mas o trabalho absurdo para qualquer idade, o vaivém de bóias-frias e a dignidade humana, sem máscara e sem proteção, exposta à luta nas usinas de cal.





Piriá, Paragominas... está quase. Do retrovisor, ele espia a floresta indo embora sobre rodas e o jogo amigo entre madeiras e fiscais, com lances para inglês ver que arrebatam sempre quem transporta, nunca quem corta. “Caminhoneiro é bode expiatório para tudo”.

Gincana vencida, carreta embarcada, mais de 6.700 quilômetros para juntar no currículo. Francisco já domou muitos palmos de chão do “país continental”, acha bonito imitar esse jeito de político falar, “continental”, a palavra comprida e metida, dando a idéia da extensão imensa, mais que um país, o Brasil. Grande coisa. Sempre falta um trecho e, por mais que um rode, nunca que vence a terra a ponto de dizer que a conhece. Tem sempre um desalegre perdido, chamando o caminhão para ir mais lá na frente.



*Gincana vencida, carreta embarcada, mais de 6.700 quilômetros para juntar no currículo. Francisco já domou muitos palmos de chão do “país continental”, acha bonito imitar esse jeito de político falar...*





TOILETE  
FEMENINO





*...“continental”, a palavra comprida e metida, dando a idéia da extensão imensa, mais que um país, o Brasil. Grande coisa. Sempre falta um trecho e, por mais que um rode, nunca que vence a terra a ponto de dizer que a conhece.*





**dirigir**  
*é arte*



## A imagem do artista

João se apresenta explicando: “Não sou melhor que ninguém, mas...”

Mas não usa camiseta sem manga. Não é dizer que não usa por conta da conversão recente ao povo do aleluia-irmão. Nunca usou, nem aos 16, quando suava na luta com os dois brutos velhos: um, o Chevrolet que servia o armazém paterno, lá no Sul. O outro bruto era o pai em si, que levou a têmpera sertaneja para toda terra onde viveu. Tinha de rude o que tinha de certo, na descrição do filho: “Homem de valor. Mas pai era mais bravo que siri enlatado”.



*Quarenta anos passam num cochilo, como passam 40 km de trecho bom. Ainda ontem, gastava seis dias de Teresina a Fortaleza, imagina, que são 600 km hoje...*

Regata suada? Não ia de ser agora, aos 56 anos de idade, uma imagem muito bem construída na passarela das BRs, nos 40 anos de estrada.

Já deu isso tudo? Isso mesmo. Atestam o tronco e os membros encouaçados, a postura moldada para sempre pelo banco do caminhão.

Quarenta anos passam num cochilo, como passam 40 km de trecho bom. Ainda ontem, gastava seis dias de Teresina a Fortaleza, imagina, que são 600 km hoje... Cada viagem uma loucura, até caçar caçava para ter o que comer na estrada, ficava semanas sem ver nem alma penada.





E se pegava falando sozinho de tanta idéia acumulada, logo ele, que já nasceu com casos pra contar, mania piorada pelo ofício, o tédio da pista desenvolvendo o talento tagarela. Sua mãe dizia, em tom de ralho: “João, quem fala demais dá bom-dia a cavalo”.

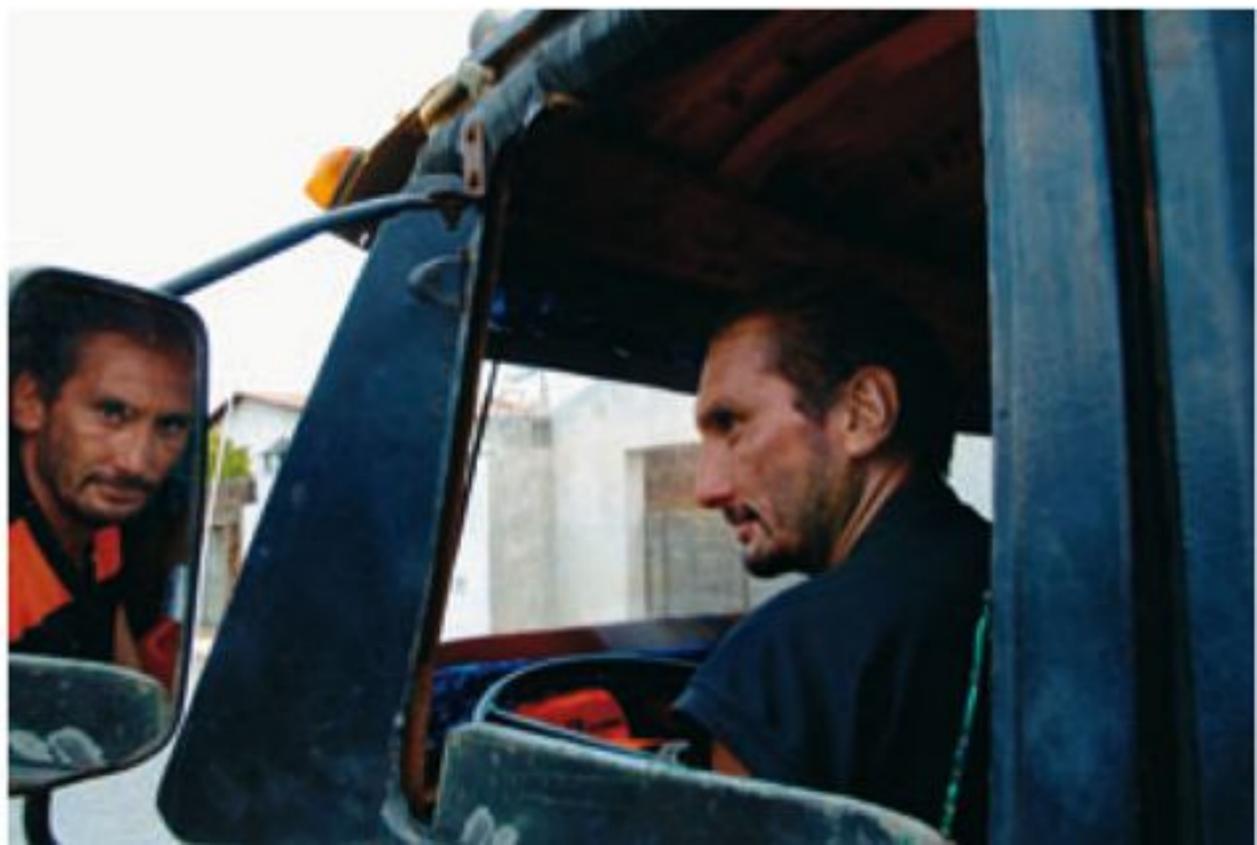
Ainda ontem, nem rádio tinha em cabine. Se tinha, não pegava na maior parte da jornada. E, hoje, olha isto aqui! Todo computadorizado, serviço de bordo, monitorado via satélite. Pode estar no buraco que for e não fica isolado. É só puxar o teclado no painel, digitar e já está conectado com o encarregado.

Quando instalaram a novidade, não foi só ele, não: todos reclamaram. Apelidaram o rastreador de “super dedo-duro”, um grau acima do primeiro dedo-duro,

o tacógrafo, aquela caixa-preta de seu avião sem asa. Depois, João se percebeu mais protegido que delatado. Melhor que ser vigiado só por bandidos — e pela dona encrenca lá de casa.

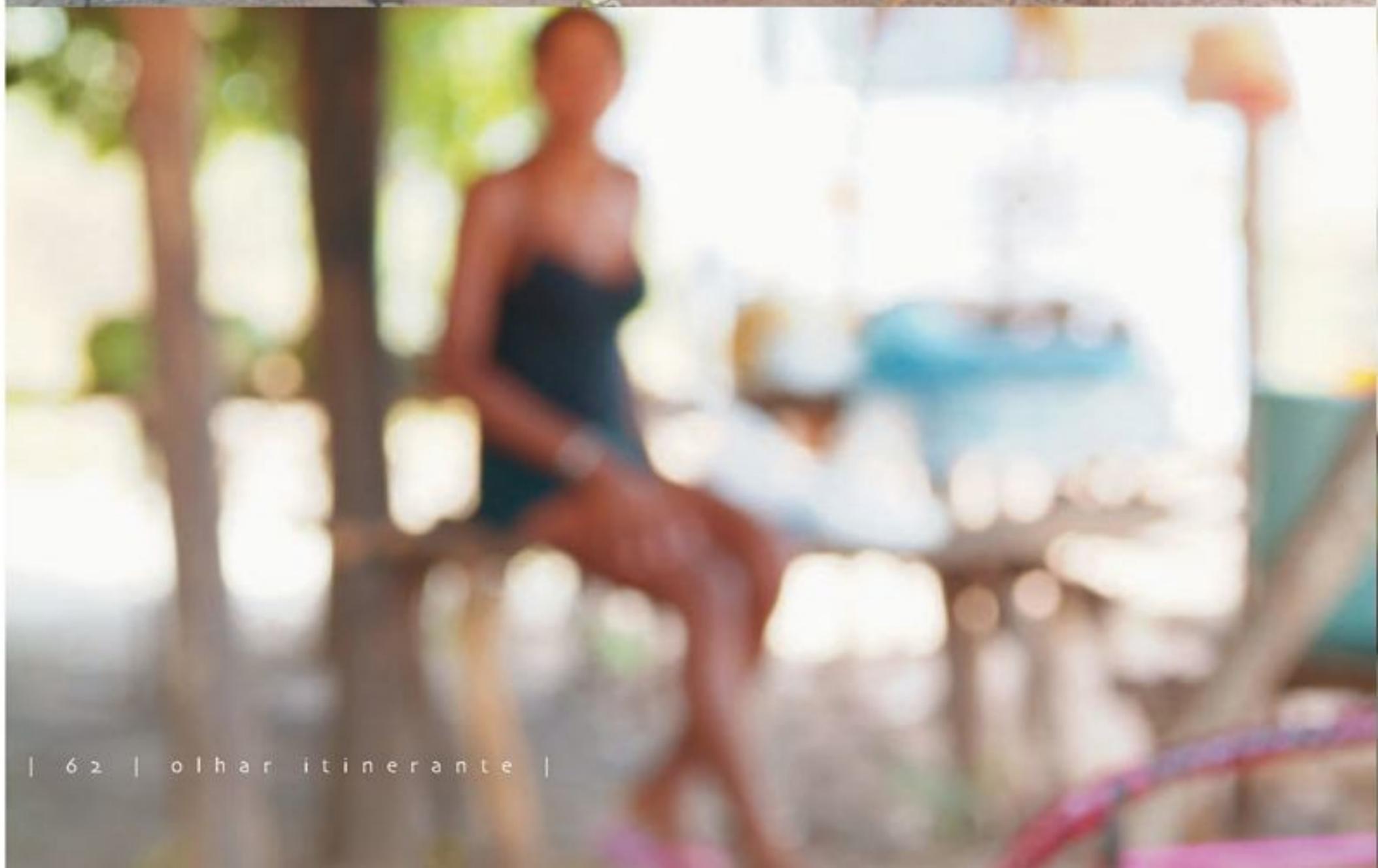
Não foi um bicho-de-sete-cabeças aprender a lidar com aquela tecnologia. Mais fácil que usar o celular — infelizmente, ganhou um da patroa, promoção especial de dia dos pais — “não digo que ela quer me rastrear?” Toca a esquentar o chifre lendo manual.

Ainda não é bom correr o risco de ter as portas do caminhão bloqueadas por um esquecimento. Mas a primeira vez que aconteceu, se é que é caso verdadeiro, João achou graça.



*Motorista pode estar  
mais quebrado que  
arroz de terceira,  
mas precisa ter  
a cara do sucesso.  
Não deve chorar  
miséria quem espalha  
as coisas novas por aí.*







Lá pelos lados de Timon<sup>4</sup>, ao passar por um quiosque, deu vontade de jogar conversa fora com as irmãs Maria do Desterro, Maria de Jesus, Gilse e Edilaine, que vendiam melancia, mel e tamarindo. Além de lindas, eram simpáticas e, pelo tamanho dos cabelos, também deviam ser gente crente. Nunca trocou morena por nenhuma forroió<sup>5</sup>. Parou e desceu “em local não previsto” sem digitar o código para avisar a central. Sistema acionado, caminhão travado, alarme disparado. Um escândalo.

Antes assustadas, depois rindo muito do desespero dele e do som de sirene, as meninas, primeiro quatro, se multiplicaram. A pequena multidão olhava encantada para o bruto do barulho, João ali só dando explicação, o galã da cena. Enfim, alguma coisa diferente acontecia naquela rodovia. “Mas seu caminhão é viatura de polícia?”, uma teria perguntado.



---

4. Município maranhense que fica à margem esquerda do Rio Paraíba, tendo como fronteira leste a cidade de Teresina, no Piauí.

5. Gíria para loira.

João não é melhor que ninguém, mas também não dirige com chinelo de borracha. Primeiro, não protege de nada. Nem de chuva, muriçoca, poça em banheiro de estrada, nem de toda a sujeirada que marca o chão por onde passa. Segundo, é desta opinião: motorista pode estar mais quebrado que arroz de terceira, mas precisa ter a cara do sucesso. Não deve chorar miséria quem espalha as coisas novas por aí, carregando do bom e do melhor. Quanto mais parece na lona, mais a pessoa chama o prejuízo para si. É aí que os botas<sup>6</sup> pisam e achacam. João não gosta que confundam: um artista do asfalto não é qualquer pé-rapado.

6. Policiais rodoviários, também chamados de “botinas” ou “botinas pretas” na gíria dos caminhoneiros.





## Tombar faz parte

Formou-se uma pequena fila de veículos na serra, perto de Caxias do Sul. O sopro de cem quilômetros por hora derrubara uma árvore no meio da pista. Ali estava o Gilson, carreteiro experiente. Rodou anos pelo Nordeste até um dia sua carreta deitar, em um ponto qualquer entre Bahia e Alagoas. Não pergunte como foi, ele não gosta. Faz dois anos. A carga foi toda saqueada, o bruto deu perda total, tirando ele ninguém se feriu, é o que interessa e fim.

Agora, fazia reestréia pelo Sul pegando logo pela frente vendaval, tempestade e bloqueio na BR-116. Enquanto esperava Defesa Civil, Exército, o que fosse, aparecer e tirar o tronco de seu caminho, ouvia no rádio os rastros de destruição: "...prédios públicos desabados em Muitos Capões<sup>7</sup>, oito feridos no hospital de Vacaria, escola destelhada em Erechim, 150 mil casas sem luz em Campos de Cima das Serras...". Sobre tombo de caminhão, nenhuma notícia. Sentia arrepios desde que deixara o pátio da transportadora no Porto Seco de Porto Alegre, debaixo da chuva fria da madrugada.

---

7. Município na serra gaúcha, localizado a 35 km de Vacaria e a 140 km de Caxias do Sul.





*Tombar também vem no pacote, mas Gilson nunca se conformou muito com isso e, se com ele sucedeu, foi só um “presta-atenção” do céu, para que se cuidasse mais.*



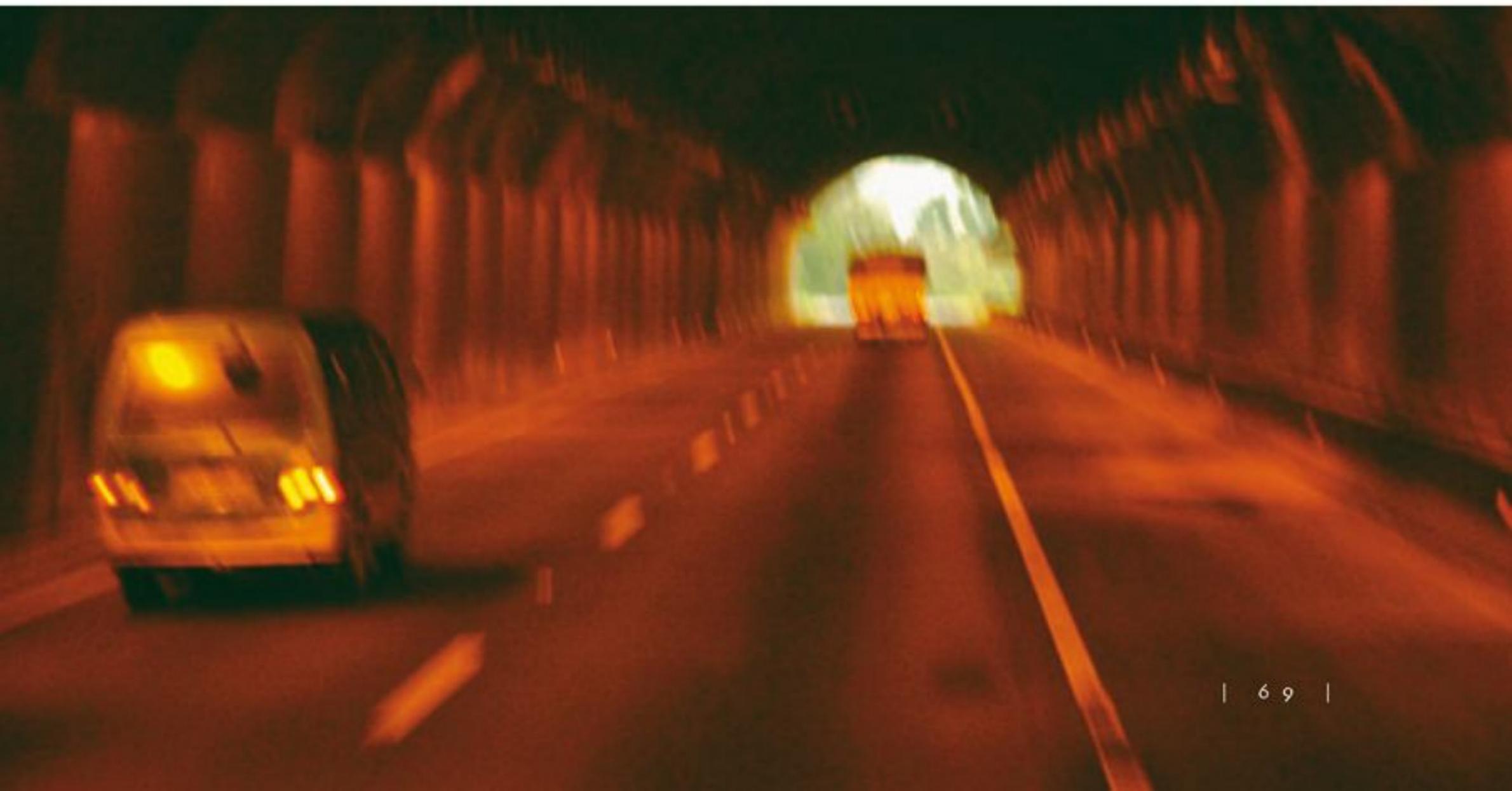
Foi lá que ouviu um colega dizer: “Motorista é programado para morrer”. Discordava. Ele, não. Era programado para chegar. Claro que corria quando podia, não estava a passeio. Só não dava brecha para azar. Planejava toda viagem, fazia revisão, estudava as paradas. Morriam os despreparados. Os aventureiros, que arriscavam muito, ou os medrosos, que sabiam pouco. Implicava mais com esses, os rodas-duras, os que não rendem, turistas enroscando pelos trechos. Os “pádre-marcelos”, assim chamados por arrastar filas atrás deles. Uma raça ruim de volante, atravancando o fluxo em caminhões piores ainda, os “genéricos”, os que não andam. Como explicava no pára-lama do finado Volvo, o da perda total: “Dirigir é arte, correr faz parte”.

Tombar<sup>8</sup> também vem no pacote, mas Gilson nunca se conformou muito com isso e, se com ele sucedeu, foi só um “presta-atenção” do céu, para que se cuidasse mais.

Em um dos cursos de reciclagem, copiou nas costas da apostila: “Todo acidente é evitável”. Gaba-se dos 30 anos de ofício sem uma história para contar... até a surpresa pegar ele na curva. Agora voltava, do jeito que dava, dirigindo caminhão dos outros. Sem nunca falar da história com ninguém.

---

8. Sofrer acidente, no jargão dos motoristas.





Começou menino, entregando bebida de bicicleta. Depois, vieram a pick-up Willys e o primeiro caminhão, um Scania “Jacaré”. Chegou a ter dois, mas só um pago por inteiro. Virou agregado de uma grande transportadora. Fez curso de mecânica, de carga perigosa...

Na noite anterior, enquanto carregavam a carreta, ouviu, sem participar, aquela conversa mole, agourenta, de caminhoneiros sonolentos, sentados no banco do alojamento, em frente ao depósito de carga. “Tem saúde de ferro, companheiro? Então sai da chuva, que vai enferrujar”, um brincou, ao ver o Gilson inquieto, rodando que nem peru em volta do caminhão, checando pneus, xeretando a arrumação das mercadorias no interior do baú.

Podia ter aproveitado ali para tirar informação sobre a Princesa Dona Francisca, estrada que ia pegar até Mafra, mas só depois de fazer uma entrega na Serra Gaúcha e retornar à capital do Rio Grande.

Não perguntou coisa nenhuma, voltou para o beliche do alojamento sem fazer amizade. Já tinha tudo estudado. Aquele pedaço de Santa Catarina incluído no seu roteiro era uma das regiões mais bonitas do país. Tinha decidido apertar um pouco no início, para passar devagar, na luz do dia, pelos pontos belos e novos para ele. Rio Negrinho. São Bento do Sul. Como seriam? Disseram, na filial de São Paulo, que a tal serra imperial era linda, mas encardida para quem sobe puxando 20 toneladas.

Olhando a árvore atravessada na estrada, Gilson percebeu todo o plano indo embora. O rádio deu a previsão para o dia seguinte: ventania, chuarada, tudo igual. Impossível ir, descarregar, voltar, carregar, dormir, acordar, entrar em Santa Catarina e pegar a serra em dia claro.

*O rádio deu a previsão para o dia seguinte: ventania, chuarada, tudo igual. Impossível ir, descarregar, voltar, carregar, dormir, acordar, entrar em Santa Catarina e pegar a serra em dia claro.*





Ainda preso em Caxias, já vivia um dia à frente, o olho no relógio, o pensamento quilômetros adiante, no chão que ainda estava por vir. A única sobra aproveitável do planejamento, agora, é que só iria parar para comer no superposto de Itajaí — deram a orientação de que era um espetáculo.

Quando, finalmente, tomasse aquela rota de antigos tropeiros, primeira ligação entre o litoral norte catarinense e as terras sem limite na região do planalto, tudo o que veria seria a noite comendo o dia, a neblina avançando até borrar de vez qualquer esforço de definição.

Como se já estivesse suando no trecho, sentiu a descarga de adrenalina ao pensar que, em vez da paisagem européia que lhe descreveram, das floradas na serra da princesa, tudo o que contemplaria seria uma faixa de tinta fosforescente, piscando na pista molhada. E de novo sentiria, a cada ultrapassagem, a culpa pelo vacilo do passado e do futuro, a vergonha do erro, o medo.

Não o medo da morte, porque morreu-pronto-acabou e vai o seguro para consolo da família, já bem acostumada a viver na saudade. Mas o medo da invalidez, da aposentadoria, da marca moral de motorista-que-tombou, da notícia correndo de boca em boca. Um horror, um sinistro na ficha é uma cicatriz no orgulho careteiro.



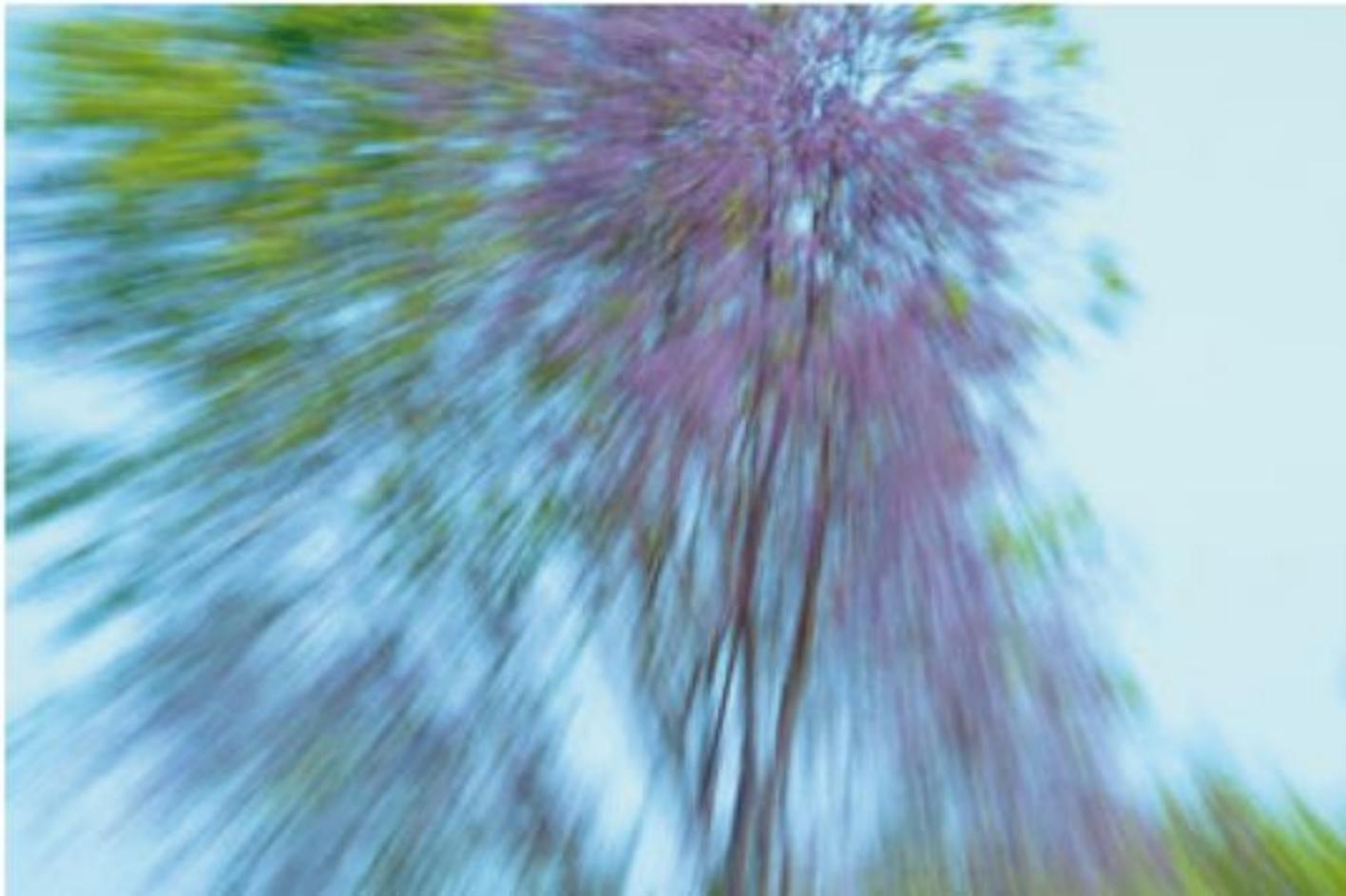
De Itajaí até Mafra, ele sabia: tudo o que veria seria, um atrás do outro, o olho-de-gato saltando do asfalto para guiar o seu. E de novo aquele arrepio que não era febre, e um e outro flash do acidente, a maldita história, que custava tanto lembrar quanto esquecer.

Era muita pressão, muita responsabilidade, muito milhão confiado na sua mão, muita vida arriscada de morte por tanta quebrada, meu deus, ser motorista era como ser médico, uma falhazinha e babau.

Ele sabia que chegaria a Mafra, são e salvo, mas não a tempo de admirar as ruas pacatas e as loiríssimas filhas da terra colonizada por alemães, ucranianos, poloneses. Os colegas em São Paulo tanto que falaram da graça branca das polacas... Estaria destruído de cansaço, mas vitorioso, e já planejando a etapa seguinte, porque a viagem recomeçaria na madrugada, e a próxima cidade era sempre a melhor — era assim, uma carga atrás da outra, sempre suspenso entre partida e chegada, sempre assim até o fim, até o último destino.

Ele não, deus o livre, ele era programado para chegar. Não para deitar em curva, cair em cilada. Não para virar mais uma cruz sem história na beira da estrada.





## Da mulher que andou na linha

“Escolhi mal”, Leôncio pensou, assim que reduziu e entrou no Posto São Marcos, vazio de dar dó naquele começo de noite. Nunca tinha parado em Além Paraíba. Seu costume, naquela rota, era tirar<sup>9</sup> até Leopoldina. Mas o dia não tinha rendido e cadê coragem de fazer mais 42 quilômetros de buracos no escuro, naquela região de assalto, o trecho preferido das quadrilhas de roubo de cargas?

Estacionou, calçou o chinelo, jogou a toalha sobre o ombro e desceu sem vontade, para o banho. O olho rastreou o pátio desolado. Depois, fixou no seu Mercedes, carregado de pedras decorativas. Mais sozinho que goleiro na hora do pênalti. Como se fosse a primeira vez, leu a frase desbotada no pára-lama, herança do ex-proprietário: “A única mulher que andou na linha o trem pegou”.

“Coisa besta, sem graça, piada mais velha que andar pra frente.” Ali, cismou que era a velha frase o seu atraso de vida. Andava sem sorte na estrada: dois pneus sacrificados, em um dia e meio de viagem, não era normal, mesmo na Rio-Bahia. Sem contar a carga anterior, entregue com atraso, por causa do problema da mola da carreta e, principalmente, das cinco horas comendo barbante<sup>10</sup> no posto fiscal da má-vontade.

Sem ambiente também em casa: quanto mais demorava a voltar, mais adoecia das idéias, um ciúme insuportável da mulher, a Deusa, que lá sozinha em Engenheiro Caldas, por sua vez, adoecia das idéias de tanto sentir saudade, de esperar, de discutir por bobagem e de agüentar desconfiança.

*... quanto mais demorava a voltar, mais adoecia das idéias, um ciúme insuportável da mulher, a Deusa, que lá sozinha em Engenheiro Caldas, por sua vez, adoecia das idéias de tanto sentir saudade ...*



Leôncio até pensou em tentar viajar mais pela sua região, mas desistia. Bastava ver a situação de um compadre lá de Caldas, que puxava<sup>11</sup> um cafezinho só para o interior: vivia perto da família, está certo, mas era uma vida de frete mixo, seguro atrasado e caminhão depreciado, parado na porta de casa. “Quem trabalha rodeando a saia da mulher não dá certo. Caminhoneiro que não vai longe não vai longe”, Leôncio gostava de dizer, saboreando o fato de que muita palavra daquele mundo do transporte servia de outro lado, para ele mostrar sua filosofia.

Quanto mais longe Leôncio ia, mais a cabeça ficava atormentada de suposições e, então, atormentava a Deusa pelos orelhões da BR com “aonde foi, que hora voltou, com que roupa, quem estava...”. Na última ligação, noite passada, fez tanta investigação que ela, ofendida, desligou no meio da sabatina. Sem beijo nem volte logo.

---

9. Seguir, dirigir, andar.

10. Esperando. A expressão faz parte do código usado por caminhoneiros que utilizam o sistema de Rádio PX.

11. Carregava, transportava.



Nunca tinha feito isso. Tudo culpa dessa cultura de estrada e de todas as piadas, chistes e “causos” de mulheres sãs, enganações e ricardões cercando lar de motorista. Caminhoneiros amam trocar histórias de dar pulga atrás da orelha, mas Leôncio, pensando bem, sabia que, de toda aquela conversa que se jogava fora nas rodas, uma metade era dúvida, a outra era mentira.

“Ô raça para ter mania de chifre”, pensou, a saudade vencendo o ciúme. Naquela hora, deu toda razão para sua Deusa presa em casa.

No caminho do banheiro, ele viu, à esquerda da lanchonete às moscas, um barracão iluminado por um ponto de luz esverdeada, em meio ao breu do pátio. Aproximou-se, distinguiu pranchetas, borrões de tinta na parede, cabeças. Era gente trabalhando. Leu a placa em letra caprichada, na entrada: “Aparabarro Posto São Marcos”.



Não era possível, justo o que precisava. Era um sinal, não era uma coincidência encontrar naquele posto um estúdio de pintura de lameiros, ou pára-lamas, ou aparabarro, cada um chama conforme sua origem e costume.

Na entrada, esbarrou numa pilha de retalhos de borracha. A dona do negócio, Rosimery, aproveitou a fase das privatizações para arrematar, a preço de banana, correias transportadoras nos leilões de siderúrgicas. Depois, era só abrir, tirar o cabo de aço, trabalhar a borracha até deixar ela lisinha, lavar para tirar todo o resíduo, passar uma mão de verniz, outra de tinta. E esperar a freguesia, que já vinha, cada qual com seus dizeres, de toda parte do Brasil. Tinha mês que recebia 300 encomendas.

Leôncio teria uma, com certeza, mas não sabia o que escrever no lameiro novo. Rosimery contou que 80% dos pedidos, agora, eram de frases bíblicas, mas o gosto variava por região: “O Rio é o campeão das frases evangélicas, os paulistas estampam propaganda. Já no Sul, fazem muita bandeira do Brasil e do Estado”.

Poucos ainda pediam aquelas pinturas ingênuas de coqueiro e casinha, e as velhas frases combinativas, as comparações, os duplos sentidos, os trocadilhos. “Agora o que usa é pintar o nome do filho ou fazer pára-lama liso, só com um detalhe de cor para combinar com a pintura do caminhão.”



*Nunca antes tinha feito uma parada ao acaso com tanta competência. Sem banho mesmo, se preparou para dormir. “Quem dorme de pé sujo tem um sono só”, dizia a sua mãe.*

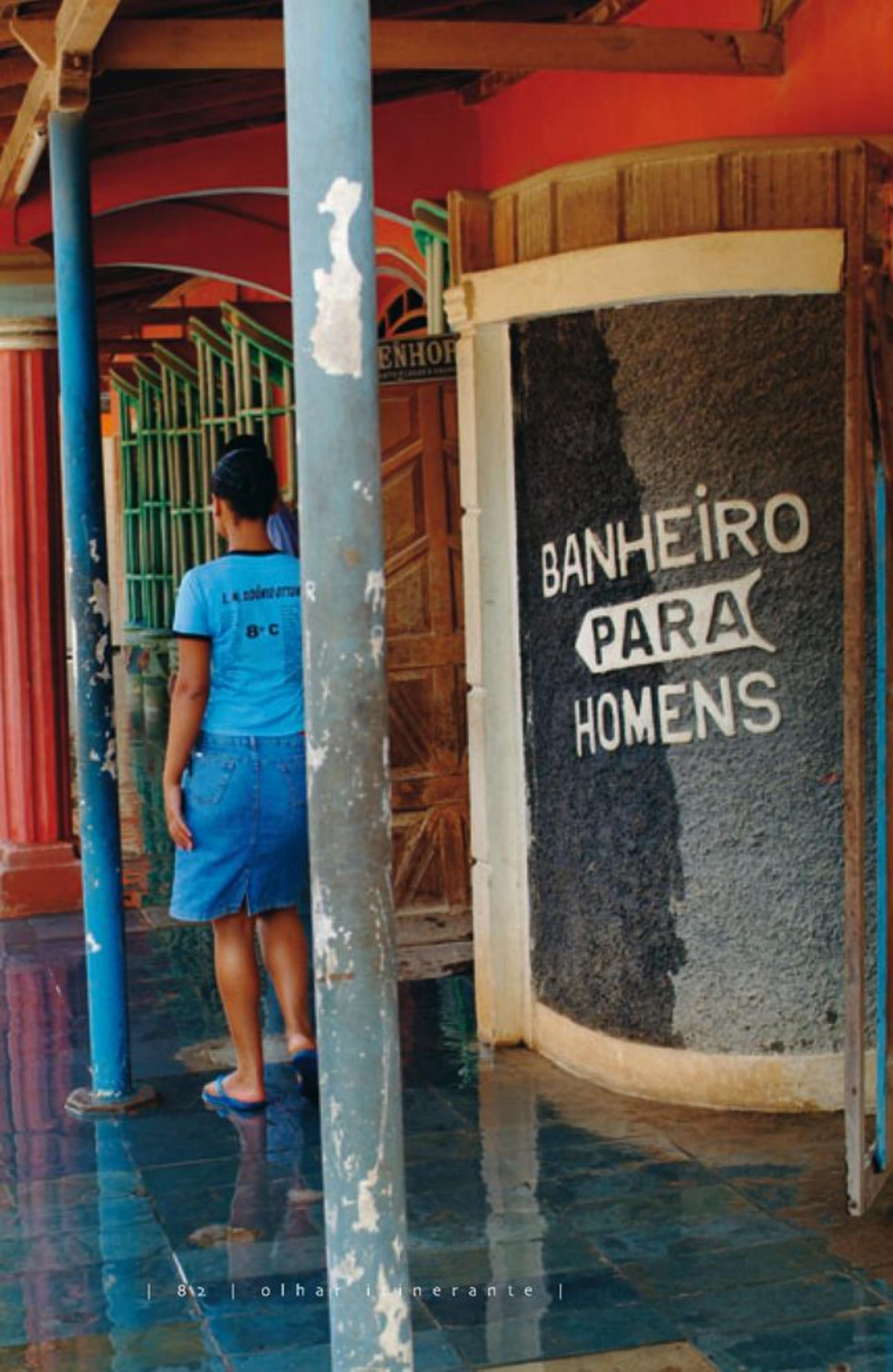
Acabaram, então, as piadas sobre mulher feia, mulher bonita, mulher sem curva, mulher com curva, mulher virgem, mulher da vida, mulher matriz, mulher filial, sogra e solidão? Nem tanto. Naquela semana mesmo, o pintor Cezinha, que trabalhava com Rosimery, gastou seu talento copiando o desenho de uma moça de biquíni montada em uma pantera. A frase que acompanhava a imagem era tão estúpida quanto, e ninguém, ali, conseguia se lembrar dela para contar a Leôncio, e nem valia a pena. Agora Cezinha se esmerava nas letras da palavra “Jesus”, para um caminhão com placa de Goiás. Pintor automotivo dos mais dedicados, ele lamentava a falta de imaginação de alguns clientes, tanto dos carolas quanto dos engraçadinhos.

Outro artista, o Tingó, em dez anos de pintura de lameiro viu o repertório da estrada mudar um bocado: “Antes, carreteiro gostava de pornografia. Hoje, manda pintar a face de Cristo e escrever ‘Deus é fiel’.”

Era isso. Outro sinal. Até ali sem nenhuma inspiração, Leôncio finalmente decidiu que frase iria aparar a barra para ele, tanto na estrada quanto no lar. Pediu as letras em azul, cor preferida da patroa. A encomenda ficaria pronta pela manhã, e o motorista pôde voltar ao seu caminhão. Feliz da vida, era o melhor dos maridos. Outros brutos já estavam estacionados, não seria o único maluco a passar a noite lá.

Nunca antes tinha feito uma parada ao acaso com tanta competência. Sem banho mesmo, se preparou para dormir. “Quem dorme de pé sujo tem um sono só”, dizia a sua mãe. Puxou a cortina da cabine e ligou o interclima, que na estrada é chamado de “esfria-chifre”. Fechou os olhos e ficou desenhando na cabeça a reação que a mulher teria ao ver a novidade, a prova de confiança, a marca da reconciliação estampada na traseira do Mercedes: “Deusa é fiel”.





*Sentimental depois de velho,  
Souza parou de comer carne  
porque fica aflito de imaginar  
a possibilidade de se alimentar,  
sem saber, de um boi  
que ele transportou.  
Não é difícil de acontecer.*





## Conflitos da carne

Nas fachadas de vidro, as peças de charque acinzentadas balançam penduradas em ganchos, chamando a freguesia. Parecem açougues plantados na margem da BR, mas são restaurantes dividindo um pátio em meia-lua, que lá pelo meio do dia fica igual a um formigueiro de caminhoneiros. É o ponto da famosa carne-de-sol do vale do Mucuri. Só a sisuda dona Zilda, que há dez anos cuida do “Nossa Senhora Aparecida”, alimenta 350 motoristas por dia. A sete reais a refeição completa, a iguaria principal é servida com banana frita, arroz, farofa e ovo, depois de ficar 24 horas em um molho de água, alho e sal.

Sempre que leva gado para Topázio, Souza pára sua carreta ali, para rever amigos, xavecar garçonetes engraçadinhas como a Eleussina ou usar os serviços de Zé Divino e senhora, um casal de borracheiros que ele conhece desde que moravam num trailer naquele mesmo pedaço de estrada, a mulher tão competente quanto o marido nos remendos. Agora, os reis dos pneus vivem num barraco-borracharia montado entre os reis da carne-de-sol, ficou muito mais prático.

Souza mantém o hábito de parar ali, mesmo sendo a mosca branca da estrada, o homem que transporta, mas não come boi. E que agüenta firme, na contramão do rebanho, as tentações da carne e as gozações dos colegas, machos mal-passados que o chamam de “Souzinha Salada”, “Souzinha Paz-e-Amor”, “Souzinha Light”.



Não que seja fácil sobreviver na estrada rejeitando o prato típico nacional. Não é arroz e feijão, não. Um caminhoneiro boiadeiro como ele sabe bem qual é a comida do país. Em qualquer buraco do Brasil, o trivial que é? Filé, chuleta, churrasco, charque. Sem falar em buchadas, bodes e outros bichos... Qualquer matafome de beira de estrada, você vê, tem rodízio à vontade a três e oitenta, a cinco e setenta, a nove e noventa, às vezes mais dois reais de multa para quem deixa resto no prato. Se emendassem todos os quilos das BRs, quanto daria em quilômetro de espeto corrido?

“Problema de saúde” é a explicação oficial. Para todo mundo e, nesse momento, para a Eleussina, que cantarola o último sucesso de Daniel enquanto lhe serve uma cerveja, Souza conta que se desco-

briu à beira de um ataque cardíaco, ao fazer um exame num consultório ambulante que fazia campanha de saúde na estrada. “Entupi minhas veias com gordura de vaca.”

Como a maioria dos motoristas de certa idade e quilometragem, ele tem colesterol alto e hipertensão. Mas a razão para tirar a sustância do cardápio vem de uma outra aflição. Vem de pensar que o mundo é um círculo, e que tudo volta sempre para o mesmo lugar.

Uma vez, ao descarregar num frigorífico, sentiu uma tristeza de despedida ao olhar nos olhos dos pobres. Pareciam tão conformados com seu destino de gado, os seus companheiros de viagem, entregues finalmente para o abate.



Ficou mais sensível aos sentimentos bovinos depois de fazer um curso de especialização em transporte de gado vivo, lá no Sest-Senat<sup>12</sup> de Campo Grande. Passou a limitar a população da sua carroceria a 20 animais, para não estressar a turma, e a frear de um jeito todo especial, e a fazer curvas numa velocidade ideal. Tudo para evitar machucados na sua carga viva, a que mais sofre com as crateras na pista. Quantas vezes, antes da sua capacitação, boi chegava com a carcaça contundida, cheia de coágulos justo no quarto de onde se extrai a picanha! O contratante do frete descartava na hora.

Quanto mais especializado, mais ele aumenta seus custos e complica seu negócio. Muita despesa, às vezes parece que paga pra viajar, gira e gira, e não sai do lugar. Para impedir couros espetados por parafusos e farpas, até revestiu a carroceria por dentro. Trata gado a pão-de-ló, e não é pensando só em reduzir os prejuízos financeiros para a cadeia produtiva da carne ou em passar pelo controle de qualidade dos exportadores. Pensa na morte iminente dos bichos sob sua guarda. Quer garantir o bem-estar do gado em seus últimos dias de vida.



12. Siglas de Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, organizações sem fins lucrativos voltadas aos trabalhadores do transporte e seus familiares.





Sentimental depois de velho, Souza parou de comer carne porque fica aflito de imaginar a possibilidade de se alimentar, sem saber, de um boi que ele transportou. Não é difícil de acontecer: o mundo anda em círculo, as coisas rodam e voltam para o mesmo lugar.

A mesma aflição que sentia, menino, quando abria a geladeira a querosene, lá no Mato

Grosso, e se deparava com as peças do cabrito que conhecera vivo e ajudara a matar forçado pelo pai. Era um horror correr atrás até amarrar o bicho para o sacrifício. Uma vez, o couro aberto ficou pendendo da cabeça descarnada, o cabrito ainda meio vivo, nunca esqueceu. Por isso o primeiro golpe de faca, na garganta, tinha de ser preciso. O animal era esticado e pendurado pelas extremidades, para sangrar. Depois, vinham um corte em cada casco e um rasgo na vertical, do pescoço até embaixo. Aí eles iam soltando a carne do couro, na ponta da faca. Por último, o pai fazia um talho na lateral, para que as vísceras despencassem no chão.

— E aí, Souzinha, só na saladinha? — cumprimenta o Enilton, já sentando na mesma mesa, chegando cheio de novidades e morto de fome, para interromper o devaneio e dar trabalho à cozinheira.

— Só na saladinha, não, que eu não sou fresco. Já tracei minha galinha. De bicho de pena, só não como peteca.

Depois de duas cervejas, de falar das suas taxas de colesterol e de ouvir o Enilton descrever um roubo de carga de cigarro ocorrido agorinha, o boiadeiro já está fazendo confidência. Explica que há tempos não se serve nem de carne vermelha, nem de menina de estrada: “Já pinteí tanto por aí na mocidade, passei com tanta rapariga, que agora tenho só um pensamento. Quando vem uma carona novinha bater na minha porta, penso logo que pode ser minha filha. Pode muito bem, como não, ser uma filha que nem sei que tive com mulher por aí, e que já está na vida feito a mãe. Já pensou que castigo, o destino pregar essa peça num filho de Deus?”. Não era impossível de acontecer: você vê, o mundo é um círculo, tudo roda e volta para o mesmo lugar.



# roteiro de *viagem*



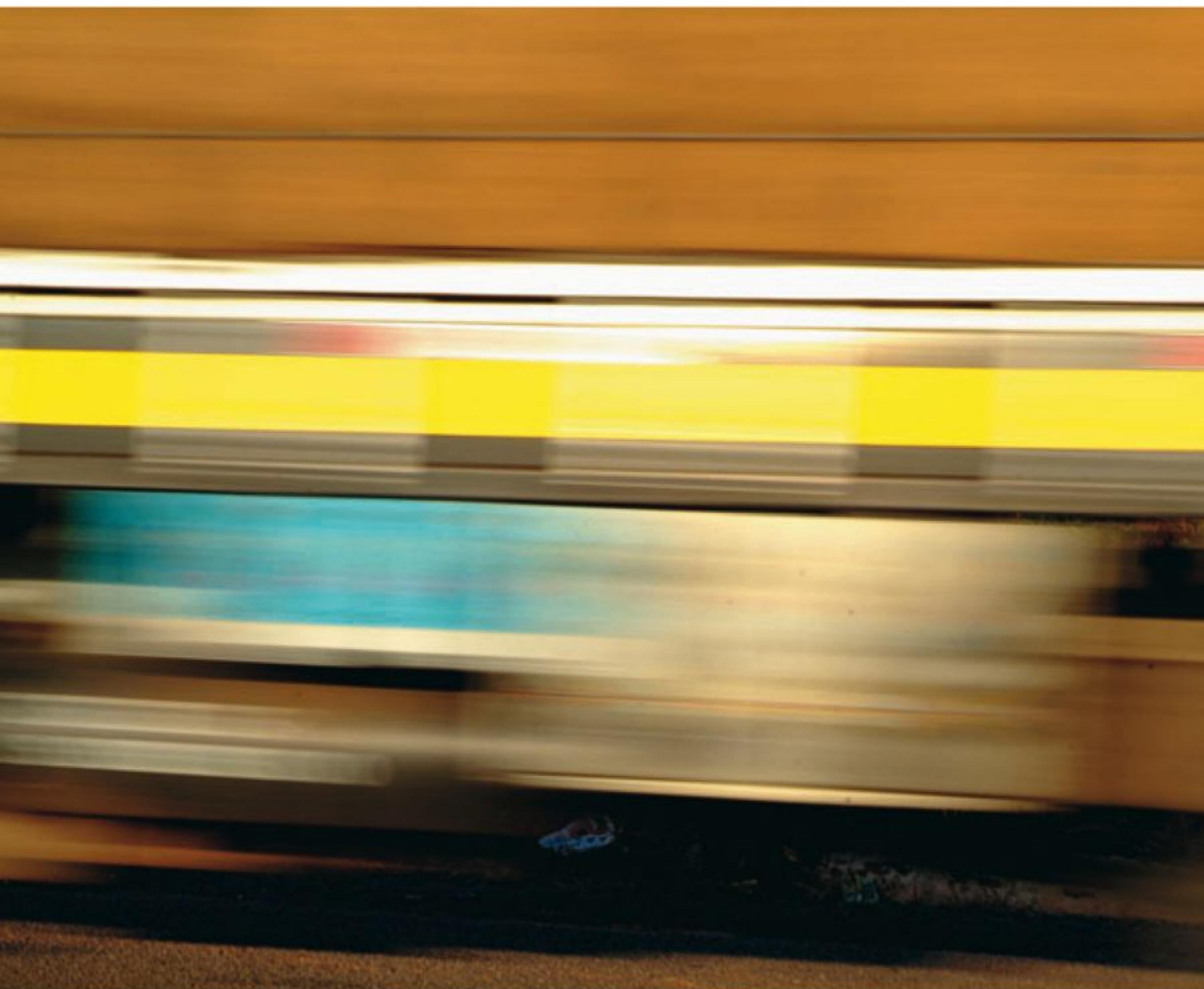
# índice de *imagens*

Páginas	
7	O motorista "Toninho"
14 e 15	Fila no posto fiscal de Itinga, entre Maranhão e Pará
16	Posto rodoviário de Peritoró (MA)
17	Detalhe de carga de lixo reciclável, pedágio em Farroupilha (RS) e detalhe da pista na Rio-Bahia
18 e 19	Motoristas e pescadores matam o tempo em Manaus
21	Detalhes da boléia e chegada a Petrolina (PE)
22 e 23	Amanhecer na BR-116, Buriticupu (MA)
24	Estátua de Padre Cícero e beata, Juazeiro do Norte (CE)
25	Esculturas de cera na capela do Memorial de Padre Cícero
26	Aldeia guarani em Torres (RS), salão no posto em Capivari (PR) e casal organizando sua "borracharia", depois do almoço
28	Tráfego na Serra do 90, entre São Paulo e Curitiba
29	Queimadas
31	Quiosque 24 horas (CE) e posto-dormitório na Amazônia maranhense

32	Detalhe de cabine e alojamento de motoristas, em Belém
33	Município de Padre Paraíso (MG)
34	Vale do Jequitinhonha (MG)
35	Pintura de carretas em Engenheiro Caldas (MG)
36, 37, 38 e 39	Crateras no asfalto da Rio-Bahia, meninos tapadores de buracos e o assédio dos ambulantes, na altura de Cândido Sales
40, 41 e 42	Restaurantes no Caxuxa (MA), sesta sob a mangueira, meninas do lugar e recordações do trança-trança na BR
43	Acidente no estacionamento do Caxuxa
44	Vila na beira da estrada, Areias Altas (MA)
46	Vista do posto fiscal de Itinga
48	“Capela das Almas” vítimas de acidentes, na BR-10
49	Usina de cal na saída do Estado do Maranhão
50	Vista da BR-10 e madeireiras no Pará



51 e 53	Carretas embarcadas em porto de Belém
52	Detalhe de balsa em porto de Manaus
54	Restaurante flutuante em Manaus
55	Vida ribeirinha em Manaus
59 e 60	Manutenção na chegada a Fortaleza, comunicação em Belém e orgulho no desfile de caminhões em Tabuleiro do Norte
61	Detalhe de supermercado especializado em caminhoneiros
62 e 63	Quiosque e vendedora em Timon (MA)
64	Motorista e sua “cozinha” itinerante
65	Desfile de caminhões em Tabuleiro do Norte (CE)
67	Serra Gaúcha
68	Detalhes de capela na Associação dos Motoristas São-Marquenses (RS)
69	Túnel do Boi, entre Camboriú e Itapema (SC)
70	Venda na Estrada Imperial Princesa Dona Francisca
71	Repouso em Nova Jaguaribe (CE)
72 e 73	Chuva na Serra (SC)
77	Lanchonete em posto de controle, Terra de Areias (RS)
78	Pintor prepara aparabarro, Além Paraíba (MG)
79	Jesus e Demônio da Tasmânia
81	Detalhes de cabines
82, 84, 85, 87 e 89	Restaurantes no Vale do Mucuri (MG) e detalhes de carga viva





# Itinerant *Sight*

*No adventures. Truck driver is a professional who has time to arrive at his destination, plans his day, takes care of his equipment and, even so, with many cautions, he can slip on the track. It was the way that two journalists captured the daily life of these transportation professionals during a 20-day journey from South (Porto Alegre) to North regions of Brazil (Belém and Manaus), passing through many small cities and villages. The project was conceived and carried out by NTC & Logística – National Association of Road Transportation and Logistic Companies of Brazil, to register the daily routine of a trucker and his sight of the country from his driving-seat.*

*The long experience together with a truck driver placed the reporters closer to this way of life, portrayed here with images and short stories: the missing of home, the fear of being cuckolded, dazzling landscapes, ragged highways, child labor, prostitution, poverty, wealth. It also discloses a lot of solidarity, fellowship, good and interesting people. In short, a brief of Brazil viewed from the windshield. The result of this "expedition" is registered in this book and will be displayed in a photographic public exhibition that will travel through Brazil.*

*The photos capture the light in its diverse forms: the sun at the dawn and its fall in the west, the headlights blinking reflected in the road signals and the luminous traffic devices (called cat's-eye) glued to the ground. This text emerged from observing people, from peculiar stories and from a collection of funny words comprised in the jargon of this tribe of load drivers, such as: comer barbante (to eat string - means to wait); forroio (blond woman in the road slang) botas (boots - highway policemen) or bruto (brute – his own truck).*

Este livro foi composto nas tipologias  
Gadget e Zapfino nos títulos,  
Garamond e Optima nos textos  
e Skia na paginação.

Sobrecapa impressa em  
papel Couché Fosco 230g/m<sup>2</sup> e  
capa, guarda e miolo em  
papel Couché Silk Semibrilho 170g/m<sup>2</sup>.

Impressão de 5.000 exemplares  
em sistema off set.

Caminhoneiro, Carreteiro, Motorista, dentre outras tantas palavras, orgulhosamente se faz a denominação da profissão que faz jus à pessoa que leva o progresso aos mais distantes rincões do nosso País e transporta nossas riquezas.

O abnegado que, abrindo mão do convívio da sua família, não compartilha da riqueza de ver seus filhos se transformarem em homens feitos, cidadãos, filhos que, como brasileiros de raça, muitas vezes seguem os passos do pai, adotando a mesma profissão.

Gente que vê o nosso País passar pela janela do seu caminhão e que conhece como ninguém esta terra que nos acolhe, abriga e conforta.

Com que tipo de reconhecimento podemos nós, consumidores de bens transportados, render homenagem àquele que, em muitos casos, é o único elo com o mundo tal qual conhecemos e vivemos, sem sequer fazermos idéia de outras tantas e diferentes realidades por eles vivenciadas?



Como traduzir a sensação de estar pilotando uma máquina que, com uma potência incrível, faz deste País uma terra sem fronteiras, transportando bens ou pessoas por todas as partes? Esta sensação é indescritível!

Como traduzir a paciência de longas jornadas, em baixa velocidade ou em longas filas, e em lugares tão longínquos, em estradas sem a mínima condição de tráfego ou, mesmo, sem nenhum tipo de revestimento? Paciência esta somente comparável à de um monge.

Como podemos prestar reconhecimento e homenagem a toda esta classe? Só vejo uma forma, além de chamá-los, orgulhosamente, de Motoristas, Caminhoneiros, Carreteiros. Chamá-los, também, de heróis.

Heróis, e com letra maiúscula: HERÓIS. Esta, sim, é a palavra que, além de lhes fazer justiça, expressa a homenagem que lhes queremos prestar através deste livro.

Motorista, Carreteiro, Caminhoneiro, nosso Herói brasileiro, dedicamos este livro a você.

**Roberto Ducatti** | Gerente Geral da Bandag do Brasil

Realização



Patrocínio



Incentivo



ISBN 85-99245-04-X



9 788599 245040